

Em busca de um sentido para a orientação

Após uma dúzia de volumes entretanto publicados, Cadernos de Consulta Psicológica recupera o tema a que dedicou o seu primeiro número: a Orientação e o Desenvolvimento Vocacional. Neste espaço de tempo, um dos autores que repete o seu contributo, através de artigos publicados em ambos os volumes, deixou-nos. Em circunstâncias que continuam a escapar à nossa compreensão, tal perda percorre-nos, ainda hoje, a nós que o conhecemos, com quem trabalhamos e, sobretudo, com quem aprendemos: não apenas a cultura profissional de reflexão e rigor sobre as questões da orientação, mas não menos importante, o modo como esteve na vida.

É, portanto, com uma mistura de sentimentos que dedicamos esta edição, em dois volumes, da revista do Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento à memória do Dr. Fernando Rocha, retomando uma temática a que dedicou a sua vida profissional, deixando-nos aos mais novos, aos que ficámos, devedores pelo privilégio da sua dádiva.

Entre outros contributos que marcaram a sua carreira profissional, o Dr. Fernando Rocha simboliza, para muitos de nós, também, a possibilidade de uma efectiva e estreita colaboração entre a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e o Instituto do Emprego e Formação Profissional, especificamente a sua Delegação Regional do Norte, a qual tem continuado a aprofundar-se ao longo dos últimos anos e de que ele foi pioneiro.

Finalmente, encontramos aqui publicado um texto que nos deixou, depois de o ter apresentado na III Jornadas de Consulta Psicológica de Jovens e Adultos, reuniões em que colaborou intensa e regularmente.

O presente número abre com um texto de Luís Imaginário que dá o sentido desta homenagem que, modestamente, e em colaboração com a Delegação Regional do Norte do Instituto do Emprego e Formação Profissional, quisemos prestar à pessoa do Dr. Fernando Rocha. É seu, justamente, o artigo que inicia uma série de contributos reflexivos e investigativos de autores nacionais, europeus e norte-americanos, que quiseram, também, associar-se a esta iniciativa e que, concordando connosco, acharam que repensar a orientação vocacional, nos seus diferentes planos — teórico, investigativo e prático —, em tempos de mudança histórica contínua e acelerada, seria o melhor modo de exprimir a admiração que sentimos pelo Dr. Fernando Rocha.

Ele próprio deu o tom inicial — expresso no título “A saída do labirinto ou o outro lado da Orientação” —, propondo uma análise inspirada em antinomias da cultura grega

clássica de elevado valor heurístico para a discussão em apreço: caos/cosmos, barbárie/civilização ou labirinto/ágora. A riqueza do texto "adivinha" a convergência das preocupações actuais no domínio da orientação, a maioria das quais faz o objecto dos artigos seguintes. Assim acontece com a necessidade sentida de questionar práticas estandardizadas de intervenção que correm o risco de se tornarem obsoletas, num mundo de transformações profundas onde a imprevisibilidade do desfecho avulta, com óbvias implicações para os destinos individuais e colectivos.

Os seus efeitos fazem sentir-se, igualmente, nas bases e processos em que assenta a construção da identidade dos profissionais, de quem se reclama mais autonomia nos desempenhos (vide artigos de Mark Savickas, Joaquim Luís Coimbra, Jean Guichard e Jean-Luc Mure), maior adequação da intervenção à singularidade dos clientes — cada vez mais diversificados — (vide artigos de Eduardo Ribeiro dos Santos, António Alberto Costa e Rui Guilhoto Loureiro e os de Paula Prado e Castro, Maria Jorge e M. Fernando Barbosa, e de Maria de Fátima Azevedo Paupério), ou na consideração de que a orientação configura um conjunto de práticas sociais, cultural e politicamente contextualizadas e sobredeterminadas (vide artigos de Mark Savickas, Joaquim Luís Coimbra e Jean Guichard) que convém analisar como tais, especialmente na sua não rara independência da evolução dos modelos teóricos e das tendências da investigação empírica.

A procura de novos horizontes para a investigação neste domínio faz o objecto do artigo de Luís Imaginário, em que é proposto um alargamento do âmbito da orientação no seu eixo diacrónico (ao longo da vida) e sincrónico (integrando os tempos livres e o lazer) ou no artigo de Jean-Luc Mure, em que desenvolve uma proposta de actuação de natureza educativa, desenvolvimental e experiencial; perspectiva que se encontra igualmente presente no artigo Filomena Parada, M. Guilhermina Castro e Joaquim Luís Coimbra, o qual procede a análise do currículo escolar enunciado, tendo em vista a disseminação de objectivos de orientação e desenvolvimento vocacional de adolescentes.

Finalmente, a acentuação do psicológico, como dimensão das realidades sociais e humanas sobre que incidem a orientação e o desenvolvimento vocacional, aparece como tendência global do conjunto de artigos que aqui se publica, designadamente quanto à individualização/personalização e não linearidade das carreiras e trajectórias vocacionais (vide artigos de Fernando Rocha, Mark Savickas, J. L. Coimbra, Luís Imaginário e Jean Guichard), quanto à centralidade do trabalho — pelas boas e más razões — entre os jovens, bem como pelos significados que estes constroem para a sua relação com o mundo vocacional — tendencialmente mais extrínsecos e instrumentais do que intrínsecos e expressivos— (vide artigos de Monique Wach e Régis Verquerre, Georges Masclet e Annic Durand).

Joaquim Luís Coimbra